

PERCEPÇÃO E IDÉIAS EM MALEBRANCHE

PERCEPTION AND IDEAS IN MALEBRANCHE

Pedro Falcão Prikladnitzky*

RESUMO: Na tentativa de precisar o significado de idéia na estrutura do sistema cartesiano, foi identificada uma ambivalência. O termo 'idéia' é utilizado para designar tanto a consciência de um objeto como o objeto da consciência. De tal ambivalência uma questão se coloca: há ou não uma univocidade de sentido do termo 'idéia' em Descartes (mais especificamente nas *Meditações Metafísicas*). Caso não haja, a ambigüidade do termo pode prejudicar a consistência da argumentação cartesiana. Essa tensão, por sua vez, se repercute claramente no debate de dois filósofos influenciados por Descartes: Arnauld, sustentando a tese de que as idéias são a consciência do objeto, e Malebranche, a das idéias como objeto da consciência. Com isso, acredito que a partir do exame dos posicionamentos destes dois autores, pode-se de alguma forma esclarecer a natureza desta tensão. Neste contexto, o argumento para a necessidade das idéias, o foco deste texto preliminar, é de fundamental importância. É a partir dele que Malebranche constitui a sua posição de que idéias são os objetos imediatos de percepção, sendo, conseqüentemente, a percepção de entidades corpóreas mediada pela percepção das idéias; o que são dois elementos constitutivos do representacionalismo de Malebranche.

ABSTRACT: Trying to identify the precise meaning of idea in the structure of the cartesian system, it was found an, at least apparent, ambiguity. The term 'idea' is employed to designate both the consciousness of an object and the object of consciousness. From that ambiguity a question arises: there is or there is not an univocity of the term 'idea' in Descartes (more specifically in *Metaphysical Meditations*). If the ambiguity prevails, the consistency of the cartesian argumentation would be harmed. This tension, by the way, is clearly reverberated in the dispute of two philosophers influenced by Descartes. Arnauld, on one side, adopting the thesis that ideas are the consciousness of the object, and Malebranche, on the other, assuming that ideas are the object of consciousness. Hence, I believe that, by examining the positions of these two authors, it is possible in some way to clarify the nature of this tension. In this context, the argument for the necessity of ideas, that is the central goal of this text, has an essential importance. This argument propitiates the development of Malebranche's thesis that ideas are immediate objects of perception, and, consequently, that the perception of corporeal entities is mediated by the perception of ideas; which are two constitutive elements of his representationalism.

PALAVRAS-CHAVE: Malebranche. Idéia. Percepção.

KEY WORDS: Malebranche. Idea. Perception.

* Mestrando em Filosofia-UFRGS. Contato: prikladnitzky@gmail.com

A demonstração da visão em Deus, na *Recherche de la Verité*, ocorre em duas etapas: Malebranche pretende estabelecer 1) que as idéias são necessárias para a percepção de objetos externos; e 2) que as idéias só podem ser objetos (percebidos) em Deus; por conseguinte, afirmando que objetos externos só podem ser percebidos em Deus. Meu foco aqui será a primeira etapa desta demonstração¹ e, mais especificamente, uma dificuldade de interpretação nela encontrada. Verifica-se, através do exame de comentários que abordam a doutrina da visão em Deus, uma controvérsia acerca da estrutura da prova encontrada na *Recherche*. Tal controvérsia pode ser caracterizada da seguinte maneira: de um lado temos um modelo de interpretação que apresenta o argumento da primeira etapa tendo, como base, considerações epistêmicas – partindo de uma análise da estrutura das percepções inadequadas ou desconformes ao mundo para inferir a necessidade das idéias; este modelo é defendido Steven Nadler e, de alguma maneira, por Andrew Pyle. E, de outro lado, um modelo de interpretação que apresenta o argumento em questão tendo como base considerações metafísicas – partindo, por sua vez, da natureza do sujeito, da natureza do objeto de percepção e da forma que estes poderiam estabelecer uma relação cognitiva; este, por sua vez, possui como adepto John Yolton.

Tendo este contexto como pano de fundo, a seguinte questão se impõe: qual é a versão que adequadamente apresenta o argumento empregado por Malebranche? Devemos ser capazes de estabelecer, como condição necessária para a compreensão apropriada da visão em Deus, se (a) apenas um dos modelos é correto excluindo a pertinência interpretativa do outro; (b) se há uma primazia de um modelo sobre outro, onde os dois modelos são, de algum modo, apropriados; sendo um dos modelos um instrumento argumentativo do outro modelo; ou (c) se ambos modelos são, por si, válidos, isto é, assumir que Malebranche estaria apresentando dois argumentos para a necessidade das idéias na *Recherche*.

Cabe, antes de passar a discussão dos dois modelos de interpretação, indicar a passagem de Malebranche que motiva o debate em questão:

1 Analisarei o movimento argumentativo presente no primeiro capítulo da segunda parte do terceiro livro da *Recherche* (III, ii, 1, respectivamente). A tese que é tradicionalmente designada pela expressão ‘visão em Deus’ é encontrada em diferentes momentos da obra de Malebranche. Cf. *Recherche de la Verité* (III, ii, 1-6), *Éclaircissements* (XVI), *Entretiens sur la métaphysique et sur la religion* (35), *Entretien d’un philosophe chrétien et d’un philosophe chinois* (5), *Méditations Chrétiennes* (11-8). Além dos textos dedicados à discussão com Arnauld acerca das idéias. Deixarei em aberto a questão da unidade argumentativa dessas diferentes formulações. Meu objetivo é analisar, em um primeiro momento, somente parte do argumento apresentado na *Recherche* que constitui a primeira apresentação da ‘visão em Deus’ por Malebranche.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

Creio que todo mundo está de acordo em que nós não percebemos os objetos fora de nós por eles mesmos. Vemos o sol, as estrelas e uma infinidade de objetos fora de nós, e não é provável que a alma saia do corpo e que vá, por assim dizer, passear pelos céus para naquele contemplar todos esses objetos. Ela não vê, portanto, tais objetos por eles mesmos; e o objeto imediato de nosso espírito, quando ele vê o sol, por exemplo, não é o sol, mas alguma coisa que está intimamente unida à nossa alma, e é o que chamo de 'idéia'. Assim, por essa palavra 'idéia', entendo somente o que é o objeto imediato ou mais próximo do espírito, quando ele percebe algum objeto, isto é, o que afeta e modifica o espírito com a percepção que ele tem de um objeto.²

Encontramos nesta passagem dois momentos distintos. O primeiro momento é o estabelecimento de um argumento acerca da natureza da percepção de objetos fora de nós (ou externos). E, um segundo momento, Malebranche introduz a noção de idéia apoiando-se na conclusão do argumento anterior.

Em relação ao argumento referente ao primeiro momento, temos a seguinte estrutura: a enunciação da tese a ser estabelecida, duas premissas e uma conclusão; podendo ser, assim, re-estruturado:

- 1) Creio que todo mundo está de acordo em que nós não percebemos os objetos fora de nós por eles mesmos³. (tese a ser demonstrada).
- 2) Vemos o sol, as estrelas e uma infinidade de objetos fora de nós...;
- 3) ...e não é provável que a alma saia do corpo e que vá, por assim dizer, passear pelos céus para naquele contemplar todos esses objetos;
- 4) Ela não vê, portanto, tais objetos por eles mesmos.

Não pretendo, aqui, apresentar uma resposta acabada para essa questão. Apenas esboçarei possíveis caminhos de resposta para a questão levantada. Para tanto, a apresentação pretende cumprir duas tarefas: em um primeiro lugar, analisar, ainda que brevemente, a passagem da *Recherche* pertinente aos dois modelos de interpretação; e, em segundo lugar, apresentar estas duas versões do argumento da primeira etapa. Acredito que este procedimento seja capaz de tornar mais claro o impasse interpretativo gerado pelas diferentes versões do argumento.

2 OCM I, 413-414. Isto é, *Oeuvres Complètes de Malebranche* vol. 1 p. 413-414. A tradução aqui apresentada é de Smith, P. J. *A Busca da Verdade: Textos Escolhidos*. p. 165-166. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.

3 Estou tomando a expressão 'perceber por si mesmo' como equivalente à 'perceber imediatamente'; opondo-se 'a perceber por (mediante) outro'.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

O primeiro modelo de interpretação⁴, ou a versão metafísica do argumento, apresenta, como apontam alguns comentadores, uma variação de um princípio difundido na física dos séculos xvi e xvii, a saber, de que não há ação à distância. De forma análoga, portanto, Malebranche afirmaria que não há percepção ou cognição à distância. A controvérsia, porém, ocorre quanto ao significado de ‘distância’. Se tomarmos ‘distância’ literalmente, Malebranche estaria propondo que só poderíamos estabelecer um vínculo cognitivo com objetos que estão espacialmente próximos ou em algum tipo de contato espacial com o sujeito. Essa alternativa suscitaria questões do tipo: qual é efetivamente a proximidade necessária para a percepção? Como se dá efetivamente o contato da mente com os seus objetos de percepção? Onde ela ocorreria? Entretanto, adepto de um dualismo cartesiano⁵, Malebranche afirma que a mente ou a alma é uma substância imaterial tornando, no mínimo, problemática qualquer tentativa de predicar propriedades espaciais à mente. Neste contexto, não parece fazer sentido afirmar que a mente precisa estar espacialmente próxima de seus objetos.

Por outro lado, ao tomar ‘distância’ metaforicamente, como Malebranche parece autorizar em uma resposta a Arnauld⁶, pode-se apresentar uma interpretação mais profícua. A sugestão é a seguinte: ‘distância’ estaria se referindo à natureza da relação estabelecida entre sujeito e objeto em um ato perceptivo. Somente poderíamos perceber objetos cuja natureza é equivalente com a natureza da mente ou cuja natureza possibilite uma vinculação com a mente. Em outras palavras, somente objetos estreitamente conjugados ou unidos com a mente, presentes a mente, ou capazes de afetar a mente podem ser, por ela, percebidos.

Embora, como já foi notado, adepto da distinção real entre a substância imaterial e a substância material, Malebranche não aceitava a interação entre as duas substâncias. É ininteligível que uma substância mental e inextensa interaja causalmente, seja capaz de estabelecer um vínculo de transferência de realidade, com uma substância material e extensa. Não há um ponto comum entre elas que torne possível tal interação. Nessa linha de argumentação, parece ser clara a razão, a ser apresentada por Malebranche, para excluir os corpos como objetos imediatos de percepção. É, justamente, por serem corpos que os objetos externos não podem ser objetos imediatos de percepção; eles não podem afetar a mente, nem

4 Este modelo é uma reconstrução das posições de Steven Nadler e John Yolton. Cf. os cap. 2 e 3 do *Perceptual Acquaintance* de Yolton e *Arnauld and the Cartesian philosophy of ideas* cap.3 de Nadler.

5 De uma distinção real entre alma e corpo, onde alma e corpo são duas substâncias distintas com atributos distintos.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

estar presentes a ela da maneira requerida. Mas na medida em que há percepção dos objetos externos e toda percepção requer um objeto imediatamente percebido, devemos postular um outro objeto que seja capaz de dar conta da atividade perceptiva.

Estes objetos, que são as idéias, teriam a função de mediar o domínio do mental com o domínio do material. Não apenas para os objetos externos ao sujeito, as idéias são necessárias inclusive para a percepção do próprio corpo. Enquanto entidades representativas, tornariam o mundo material inteligível e cognoscível para a mente. Ao percebermos imediatamente as idéias, segundo Malebranche, estaríamos imediatamente percebendo os objetos externos.

O segundo modelo de interpretação⁷ ou, a versão epistemológica do argumento para as idéias surge da resposta, dada por Malebranche, à uma dificuldade encontrada na estrutura das percepções. Assumindo que a análise correta da percepção a apresenta como uma atividade cognitiva relacional, isto é, como uma relação de ordem cognitiva envolvendo um sujeito (aquele que percebe) com um objeto (aquele que é percebido); sendo, por sua vez, requerido que este objeto seja imediatamente percebido e esteja efetivamente presente, percepções falsas ou inadequadas (sonhos, alucinações e erros ordinários dos sentidos) tornam-se problemáticas.

Na medida em que são inadequadas, não possuem uma contrapartida no mundo, isto é, não correspondem a nada no mundo. Com isso, não parecemos estar autorizados a afirmar que o mundo suporta as percepções inadequadas, ou seja, que nestes casos possamos tomar um objeto externo e material como objeto imediato de percepção. Como garantir a vinculação necessária, de um conteúdo de percepção com um objeto externo material, para que se estabeleça a relação de percepção? Agora, se estas considerações forem suficientes para assumirmos que não há nada no mundo que possa ser considerado como objeto imediato de percepção, somos induzidos, levando em conta o caráter relacional da percepção, a afirmar que percepções inadequadas são percepções sem objetos. Mas perceber o nada, não é perceber. Defendendo o princípio de que toda percepção necessita de um objeto imediato presente na atividade perceptiva; e que percepções inadequadas são tão percepções quanto às percepções que possuem uma correspondência no mundo, é necessário postular que percepções inadequadas possuem um objeto imediato de percepção. Se o objeto imediato de

6 Cf. OCM VI (95-96)

7 Este modelo é uma adaptação das posições de Andrew Pyle e Steven Nadler. Cf. *Malebranche*, cap. 3 de Pyle e *Arnauld and the Cartesian philosophy of ideas*, cap.3 de Nadler. Nadler não assume as duas posições.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

percepção for uma entidade representativa que é distinta e independente do objeto que representa, a inexistência deste objeto não implica a inexistência desta entidade. Neste caso, mesmo diante de uma percepção inadequada, a percepção não seria vazia, ela possuiria um objeto, a saber, essa entidade que é independente do objeto visado pela percepção. Estes objetos intermediários de percepção, estas entidades representativas, são as idéias. Portanto, as idéias são necessárias para a percepção de objetos externos, ao menos no caso de percepções inadequadas.

Retorno para a minha questão inicial. O segundo modelo de interpretação não é capaz de mostrar a necessidade absoluta das idéias para percepção. Se a reconstrução feita acima está correta, ele apenas estabelece que as idéias são necessárias para as percepções onde o objeto material não está presente. Segundo este modelo, nada impede que algo material seja imediatamente percebido; como, por exemplo, poderia ser o caso diante de uma percepção adequada, onde o corpo percebido estaria sendo diretamente percebido por um sujeito. De maneira similar, nada impediria que as idéias fossem corpóreas, desde que a sua corporeidade não fosse equivalente a do corpo que elas representariam. Nota-se, claramente, que os resultados obtidos neste modelo são diferentes do modelo metafísico. Neste, é impossível, dada natureza da mente e os requisitos ontológicos para que se estabeleça uma percepção, que um corpo, enquanto corpo, seja imediatamente percebido.

Por outro lado, o argumento metafísico também tem dificuldades. Na medida em que ele é, supostamente, auto-suficiente, não depende das considerações epistêmicas. Isto tornaria estas considerações, caso elas não sejam de outra forma interpretadas, como ociosas na economia da teoria das idéias de Malebranche. Tal ociosidade traz consigo a seguinte dificuldade interpretativa: se estas considerações não desempenham nenhum papel no estabelecimento da teoria, qual é a razão de lá estarem colocadas. Ademais, certas conclusões deste argumento podem ser incoerentes com outras teses defendidas por Malebranche. Segundo o modelo metafísico, só é possível estabelecer vínculo perceptual com o que é ontologicamente semelhante. E, embora, as idéias sejam de certo modo unidas à mente, elas não são, propriamente, entidades mentais. Elas são entes em Deus, como indica o nome da doutrina, este também, não sendo, propriamente, uma entidade mental. Assim, é preciso

Apresenta-as como alternativas e um problema de interpretação. Yolton e Pyle assumem as posições apresentadas, respectivamente.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------

apresentar uma explicação para que, apesar de as idéias não serem entidades mentais, elas podem ser imediatamente percebidas.

Faço, por fim, uma sugestão que pode, em alguma medida, esclarecer a questão levantada. Se levarmos em consideração a ordem de apresentação do argumento na *Recherche*, verificamos que entre a passagem que foi analisada e as considerações sobre a possibilidade de percepções desconformes, Malebranche afirma o seguinte: “É preciso observar cuidadosamente que para o espírito perceber algum objeto, é absolutamente necessário que a idéia dele lhe seja realmente presente; não é possível duvidar disso. Mas não é necessário que exista fora alguma coisa de semelhante a essa idéia, pois acontece muito freqüentemente que percebemos coisas que não existem e, mesmo, que jamais existiram”.⁸ Aparentemente, o início das considerações acerca da possibilidade das percepções falsas pressupõem o argumento presente na passagem acima analisada e não constituem, propriamente, o argumento. Neste caso, tais considerações poderiam estar exercendo a função de afastar uma má interpretação do argumento, ou responder a uma possível objeção. Malebranche estaria afirmando que do fato de toda percepção envolver a presença de uma idéia, não se segue imediatamente que toda percepção é ou contém uma representação adequada do mundo.

Referências

- Malebranche, N. *Oeuvres Complètes de Malebranche*. André Robinet. Paris: J. Vrin, 1972-84.
 Malebranche, N. *A Busca da Verdade*. Plínio Junqueira Smith, trad. São Paulo: Discurso Editorial, 2004.
 Nadler, S. *Arnauld and the Cartesian Philosophy of Ideas*. Princeton: Princeton, 1989.
 Pyle, A. *Malebranche*. New York: Routledge, 2003.
 Yolton, J. *Perceptual Acquaintance from Descartes to Reid*. Minneapolis: Minnesota, 1984.

8 (OCM I 414-415); tradução brasileira p.166.

<i>Intuitio</i>	ISSN 1983-4012	Porto Alegre	V.2 - No.2	Outubro 2009	pp. 131-137
-----------------	-------------------	--------------	------------	-----------------	-------------